

QUILOMBO
SEM LIXO

Geração Cidadã de Dados na Comunidade Quilombola Oxalá de Jacunday

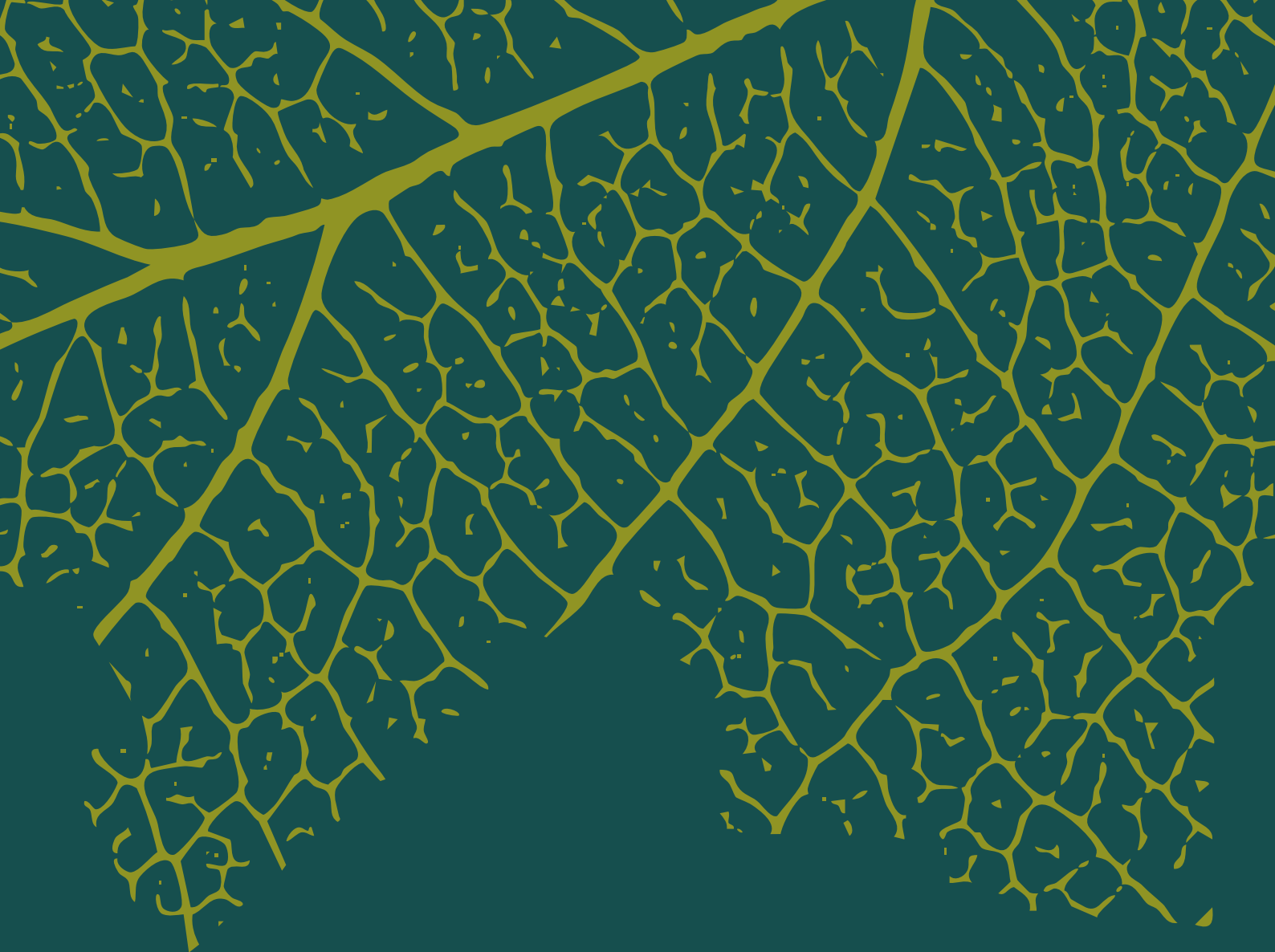
data
labe



Mozilla
Foundation



Climate and
Land Use Alliance



Entre teorias e trajetórias, tua voz, teus ensinamentos, teu assobio e tua coragem ecoaram no “começo meio e começo” de Oxalá de Jacunday, no Território de Jambuaçu. **Ao teu legado e à tua presença contínua dedicamos esta pesquisa**, os projetos e sonhos co-criados pelos ramais e igarapés do quilombo. **Obrigada, Vitor Valadares**, nosso avô, griô e amigo, pelas confluências e r-existências compartilhadas. Seguiremos sendo continuidade...

Apresentação

Este documento reúne a trajetória de elaboração do Plano de Geração Cidadã de Dados (GCD) no Quilombo Oxalá de Jacunday, que pertence ao Território de Jambuaçu, no município do Moju, no Pará. O processo integra o projeto de *fellowship* junto à Fundação Mozilla com o acolhimento e parceria do Data_Labe e do Instituto Perpetuar e o apoio da Climate and Land Use Alliance (CLUA).

O projeto visa valorizar a narrativa quilombola na Geração Cidadã de Dados (GCD), formar lideranças de Jacunday para aplicar a metodologia de forma autônoma, além de situar a pesquisa em tecnologia em um território quilombola com a participação ativa de pessoas da própria comunidade no processo de decisão e de aplicação.

O Quilombo Oxalá de Jacunday foi escolhido para este projeto em primeiro lugar pela aproximação afetiva, pois é um território familiar ao que temos feito no âmbito do trabalho de tecnopolíticas e cuidados digitais; em segundo, pela organização política, visto que tanto Jacunday quanto Jambuaçu como um todo, têm uma longa história de organização política quilombola, sempre articulados com as principais entidades de defesa quilombola, como a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq) e a Coordenação Esta-

dual das Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Pará (MALUNGU); e, por fim, para ampliar a participação da comunidade nos debates sobre tecnologias e políticas digitais.

O Território de Jambuaçu é formado por mais 14 comunidades - além do Quilombo Oxalá de Jacunday - com terras tituladas e certificadas pela Fundação Palmares. Entre as principais reclamações e reivindicações do território, estão a educação quilombola, a coleta seletiva de lixo, a mitigação dos impactos da crise climática e a segurança do território. Jambuaçu recebe esse nome devido ao Rio Jambuaçu, cujos afluentes eram utilizados como rotas de pessoas negras escravizadas que lutavam por sua liberdade.

Há alguns anos o Território de Jambuaçu enfrenta também conflitos com empresas dos ramos de mineração e monocultura, como a Hydro, a Marborges Agroindústria e a Imerys. Existem diversos registros dos impactos dos 18 anos de atuação dessas empresas nas 15 comunidades que compõem o Jambuaçu, entre eles vazamento de resíduos minerais no Rio Jambuaçu, desmatamento, perda da mata ciliar, conflitos fundiários e assoreamento de rios (Salgado, Salgado, 2024)¹.

O Território Estadual Quilombola (TEQ) Oxalá De Jacunday foi assim denominado pelo Instituto de Terras do Estado do Pará (ITERPA) em 2010, reconhecido como uma comunidade remanescente de quilombo (ITERPA, 2010)². Contudo, o quilombo já tinha sido demarcado em 2002 e recebido a titulação em 2006 (O Liberal, 2020)³. De acordo com o Censo IBGE de 2022, a comunidade abriga 157 domicílios e 400 pessoas autodeclaradas quilombolas.

Todos esses dados são extraídos de fontes não quilombolas, e é aí que começam os incômodos, pois parte desses dados não são devolvidos às comunidades com o mesmo esmero aplicado durante a coleta. Sem essas informações, as reclamações das comunidades ficam à mercê da boa vontade política do município de Moju, que demora a responder às reivindicações.

É por isso que, ao longo do trabalho em Oxalá de Jacunday, priorizamos os dados fornecidos pela comunidade e suas lideranças. Assim, o que está documentado são as oficinas preparatórias para a coleta de dados, realizadas pela própria comunidade.

A metodologia de Geração Cidadã de Dados conflui com a Pororoca de Saberes, uma elaboração metodológica própria das experiências do Instituto Perpetuar em seu campo, que nasce dos volumosos e estrondosos encontros entre a população quilombola do Jambuaçu. A pesquisadora quilombola Samilly Valadares, que é de Oxalá de Jacunday, define a Pororoca de Saberes:

As Pororocas são o encontro desses saberes técnicos, ditos científicos, com os saberes e fazeres tradicionais dos quilombos, demarcando e valorizando a soberania intelectual quilombola, a ciência que vem do quilombo. Assim como as pororocas trazem esse encontro estrondosos das águas do rio e do mar, a gente traz esse encontro também de conhecimento, de sabenças, de fazeres, de saberes para co-criar a nossa metodologia, negritando que no Quilombo a gente faz ciência. E eu sempre cito, isso está muito na minha pesquisa de mestrado, né? Quando eu vou ali referenciar Amílcar Cabral para afirmar que a gente segue caminhando com os nossos próprios pés e pensando com as nossas próprias cabeças, mas antes de referenciar qualquer autor, a gente aprendeu isso em comunidade, com os mais velhos. Então, a Pororoca de Saberes, ela também é um sonho coletivo, porque é quando a gente se reconhece como produtores de conhecimento, como pesquisadores, como esses corpos potentes que criam, que co-criam, que inventam, não a roda, porque a gente dá continuidade, sempre demarcando que no chão do Quilombo a gente está produzindo tecnologias ancestrais há muito tempo.

Samilly Valadares, 2025

Portanto, o processo metodológico envolve rodas de conversa e roteiros estruturados, como forma de contribuir para a identificação das problemáticas cujos dados seriam coletados, bem como escutas ativas e muito diálogo, sempre com atenção às narrativas da comunidade. Na primeira etapa, realizamos três oficinas na sede do Juventus Atlético Clube, o time de futebol do quilombo, nos meses de abril a junho de 2025.

A seguir aprofundaremos a problemática da qual partimos e os roteiros das oficinas feitas no Jacunday.

Problemática

O problema que pretendemos abordar é centrado no mito danoso do “vazio demográfico” na Amazônia Brasileira, uma concepção prejudicial propagada desde a colonização. Este mito é um exemplo de racismo ambiental, mobiliza operadores da violência racial e desigualdades ambientais e ainda impacta diretamente comunidades tradicionais da região. Além disso, é exacerbado pelos desafios contemporâneos do racismo algorítmico e o acesso desigual aos direitos digitais para essas populações.

As repercussões desse mito se manifestam em ambientes físicos e digitais, pois negligenciam a existência de dados sobre sistemas de vida e culturas para além da agricultura industrial de larga escala, invisibiliza a multiplicidade de arranjos sociotécnicos de valorização dos circuitos econômicos de baixo impacto no meio ambiente e reforça assimetrias tecnológicas de natureza soberana e de autodeterminação dos povos e comunidades amazônicas.

As consequências tecnopolíticas para este cenário são as invasões e grilagem digital de terras públicas, em particular territórios quilombolas, a dominação de monopólios de comunicação e informação como a Starlink, entre outras injustiças sociais.

Para abordar e mitigar estes impactos, propusemos uma estratégia tridimensional focada no fortalecimento

comunitário e na soberania digital. Esta estratégia se alinha ao diagnóstico do problema, destacando-se pela parceria central com o Instituto Perpetuar e o data_labe, que tem como objetivos centrais a produção de dados cidadãos, a troca de saberes territoriais e a capacitação comunitária.

Esta narrativa parte de uma confluência de saberes e leituras que se inicia no 1º Fórum Quilombola de Meio Ambiente e Envolvimento Territorial de Moju-PA em 2023, quando a inexistência da coleta regular e da coleta seletiva de lixo foi mencionada como um problema pelas lideranças do Jambuaçu; tem apoio ainda no artigo sobre racismo e sexismo da ativista Lélia Gonzalez (1984) para trazer a narrativa quilombola ao centro da mesa nas conversas sobre tecnologia; e passa pelo Censo Quilombola (IBGE, 2022) que aponta que nenhum domicílio do Quilombo Oxalá de Jacunday usufrui de coleta de lixo. As famílias são obrigadas a enterrar, queimar ou, na pior das hipóteses, descartar em qualquer lugar do território, o que significa um prejuízo coletivo para a comunidade.



Roteiros das oficinas
para a elaboração de um
plano de Geração Cidadã
de Dados no Quilombo Oxalá
de Jacunday

Roteiros das oficinas para a elaboração de um plano de Geração Cidadã de Dados no Quilombo Oxalá de Jacunday

OFICINA 1 - GERAÇÃO CIDADÃ DE DADOS PARA O QUILOMBO OXALÁ DE JACUNDAY

I) Chegada e acolhimento

- Mística
- Solicite que as pessoas se sentem em meia lua. Assim, todas as pessoas participantes poderão ver umas às outras e a responsável por conduzir a atividade. À medida que as pessoas vão chegando, peça para que todas escrevam seu nome em um *post it* e cole na camisa. Isso facilitará que você grave o nome das pessoas durante a oficina. É importante que você explique que as pessoas podem informar a forma pela qual preferem ser chamadas, não necessariamente seus nomes oficiais.
- Se apresente, conte sobre sua trajetória e o que lhe trouxe até aquele lugar. Peça que todas as pessoas se preparem para a primeira dinâmica.
- Leve perguntas sobre dados e territórios que se conectem com a realidade do público e estimulem o pensamento.
 - ✓ Sua casa tem água encanada?
 - ✓ Tem banheiro? Dentro ou fora de casa? Tem mais de um?

II) Construindo uma base de dados no papel

- Organize uma base de dados com os *post its* organizados em colunas, e as respostas de cada pessoa em uma linha. Depois, classifique as respostas sobre o lugar em que as pessoas queriam estar em “perto” ou “longe” com a ajuda da turma e monte uma tabela dinâmica e um gráfico de barras de forma analógica.



III) O que é Geração Cidadã de Dados

- Conte quando e como você conheceu a metodologia. Apresente a definição já documentada⁴ pelo Data_Labe. Avise ao grupo que vai apresentar um projeto sobre saneamento básico no conjunto de favelas da Maré, no Rio de Janeiro, cujo nome não será revelado até o final, mas que quem adivinhar ganhará um brinde ao final desse bloco.

Atividades:

- Imprima as imagens da animação que aparecem no topo do site do Cocôzap⁵ e utilize-as para explicar o projeto. Comece pelo passo a passo informado nas imagens. Em seguida, mostre um exemplo de cada queixa contida no mapa interativo do site.



Materiais de apoio para a atividade:

- ✓ Um mapa impresso da cidade do Rio de Janeiro, com destaque para a favela da Maré;
- ✓ Um mapa com as queixas do Cocôzap;
- ✓ Três denúncias de cada categoria (água, lixo e esgoto).
- Siga para a apresentação comparativa entre os dados do Cocôzap e os do IBGE. Contextualize a contribuição do projeto para a produção de conhecimento pela favela a partir das experiências de reconhecimento da metodologia como tecnologia social por meio do Prêmio Banco do Brasil, a entrada do data_labe no Conselho Consultivo do IBGE e o Prêmio Periferia Viva, do Governo Federal.
- Reserve 10 minutos para dúvidas, seja ao final da apresentação ou eventuais interrupções ao longo desta etapa.

IV) Construindo o plano GCD

Atividades:

- Divida o grupo em no máximo cinco subgrupos. É indicado que cada subgrupo tenha pelo menos quatro pessoas.
- Distribua uma cartolina para cada subgrupo e peça que dobrem em formato de folder.
- Oriente que os grupos vão seguir um passo a passo inspirado no Cocôzap para que saiam da atividade com um Plano de Geração Cidadã de Dados.
- Identificar os sintomas do problema
> Escolher como colher os dados de cada sintoma > Engajar um grupo específico de pessoas para a causa

V) O problema social

No caso do Cocôzap, um dos principais problemas sociais do conjunto de favelas da Maré é o saneamento básico. Evidentemente, existem muitos outros problemas que poderiam ter sido escolhidos, porém naquele momento e com os recursos que estavam disponíveis, era pertinente falar sobre este tema.

Nem sempre um projeto de GCD vai abordar uma questão negativa. Apresente o exemplo do levantamento de brechós periféricos⁶ realizado por Stefany Silva, à época produtora no data_labe e programado por Kézia Antero, desenvolvedora web na organização. Após essa explicação, estimule o grupo a escolher um problema que afete diretamente a vida da comunidade naquele momento.

Atividades:

- Escreva o problema “tema” na capa do folder, pense em um nome e quem sabe até em um logotipo em 10 minutos.
- Enquanto os grupos produzem a atividade, visite cada grupo e dê as orientações necessárias.
- Ao final dos 10 minutos, peça para que cada grupo apresente o que construiu e retribua com percepções e sugestões. Anote pontos importantes da apresentação e da troca entre os grupos. Sugira que todas as pessoas participantes estejam atentas às ideias compartilhadas.



VI) Os sintomas do problema

Quando uma pessoa está com amigdalite, existem muitos sintomas que ajudam a diagnosticar a inflamação. A febre é um sintoma muito comum da amigdalite, porém é percebida em diversas doenças. Uma pessoa com dengue, por exemplo, pode também ter febre. Nesse caso, uma inspeção visual pode ser mais eficiente para identificar o problema. Já a intensidade da febre pode auxiliar na estimativa da gravidade da inflamação.

Atividades:

- Esse jogo de prós e contras faz parte da discussão dos limites de cada sintoma escolhido e são partes fundamentais da GCD. Estimule o grupo a escolher três - apenas três - sintomas do problema que eles escolheram. Oriente que os sintomas precisam ser específicos assim como o exemplo da inspeção visual da amigdalite e que é fundamental discutir os limites de cada sintoma escolhido.
- Escreva os três sintomas na parte de dentro do folder, colocando os limites e, se possível, uma avaliação de prós e contras de cada um dos três sintomas. Para esta atividade reserve um período de 10 minutos.

Agora que a turma está bem avançada, dê um intervalo para que as pessoas interajam. Prepare um lanche e uma boa seleção de músicas para que o grupo possa gastar energia fora da atividade. Converse sobre seu dia, o dia delas e depois retorne.

VII) Fazendo uma máquina ler

Cada sintoma pode ser coletado de diferentes formas a fim de se tornar um dado. Explique o processo de decisão de cada dado no Cocôzap: a foto como uma informação primordial para a denúncia, a categoria e subcategoria de cada problema, bem como foi feita a geolocalização dentro de um contexto de favela.

Atividades:

- Após explicar esta etapa, dê 10 minutos para que os participantes consigam decidir qual a melhor forma de máquina ler os dados de cada sintoma e estimule o pensamento crítico sobre a coleta massiva de dados, aspectos legais da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) e principalmente a aplicação no território.
- Pela falta de conhecimento amplo em dados ou tecnologias, esta etapa pode ser a que você dará mais feedbacks e conversará com cada grupo sobre qual a melhor forma de coletar aquele dado. Tenha em mente a análise posterior que eles terão que fazer e que não tem problema se, com o tempo, a decisão se modificar.
- Peça para que eles construam uma planilha na parte do meio da cartolina e preencham com exemplos que eles mesmo já tenham visto em seu cotidiano. Essa atividade é opcional.

VIII) Mobilizando o público

Um dos princípios da Geração Cidadã de Dados é o protagonismo das pessoas mais afetadas pelos problemas em toda a cadeia de dados, ou no maior número de etapas possível. Certamente essa etapa exigirá transferência de conhecimento e critérios de seleção muito bem pensados para o sucesso do projeto. Explique como em cada projeto nós engajamos pessoas dos perfis da população, como pessoas negras na campanha #PorQueEu⁷, jovens interessados nas mudanças climáticas no Cocôzap, pessoas LGBTI+ na Pesquisa Explana⁸, etc.

Atividades:

Definir o perfil das pessoas que serão mobilizadas também é importante para estabelecer as estratégias de engajamento e divulgação da pesquisa de dados. Reserve 15 minutos para que os grupos especifiquem o público e as estratégias de mobilização.

Peça para que escrevam o grupo selecionado com, pelo menos, as variáveis de raça, gênero e faixa etária na terceira parte do folder. Agora, cada grupo deve apresentar sua definição do público e justificar como as estratégias de engajamento se adequam ao perfil do grupo.



OFICINA 2 - ONDE CHEGAMOS?

- Informe ao grupo que, após termos definido os aspectos mais técnicos e estruturantes da geração dos dados, vamos nos aprofundar no aspecto mais político do projeto.

Vamos recapitular o que decidimos até agora quanto ao Plano GCD do Jacunday:

- I) O problema: descarte indevido de lixo
- II) Sintomas do problema: Tipo de lixo; Onde foi jogado; Quando viu, jogou, foi retirado; O que mais quiser falar
- III) Estrutura da coleta de dados: envio de áudio assim que vir a ocorrência, tendo ou não internet na hora

IV) Pessoas engajadas responsáveis: Homens e mulheres de aproximadamente 50 anos de idade

- Peça ao grupo para que uma pessoa leia cada tópico e cole as mensagens na parede. Celebre cada passo acima com o grupo, dê ênfase ao que foi feito até aqui, pois esse trabalho não é fácil.

AONDE VAMOS?

Nesta etapa, vamos construir coletivamente outros três passos importantes da GCD:

Discutir os limites



Quais outros sintomas do problema você não irá abordar e o quanto isso afeta o seu trabalho?

Investigar bases de dados auxiliares



Existem outras bases de dados que já abordam o mesmo problema que você escolheu? Essas bases estão publicadas e disponíveis para uso?

Comunicar os resultados



Quais estratégias você e seu grupo vão criar para comunicar os resultados do trabalho?

Para cada um desses passos nós apresentamos perguntas direcionadoras para o debate, mas confira a seguir algumas orientações que podem facilitar cada passo. Vamos começar:

Discutir os limites

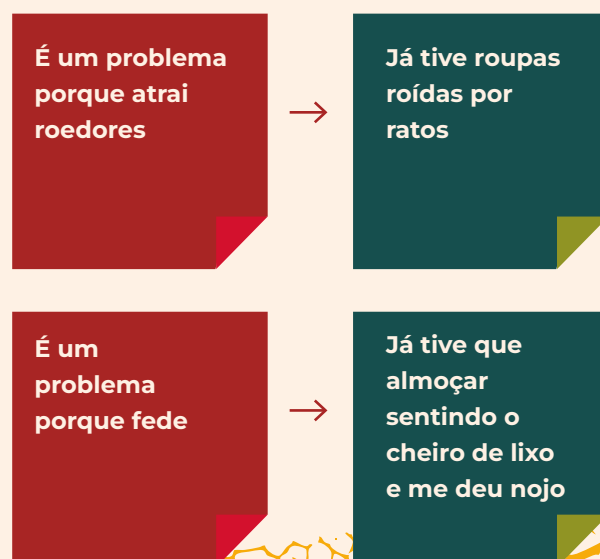
É muito difícil estabelecer prioridades em um cenário de muita privação. Nas nossas comunidades há tantos direitos sendo negados diariamente - moradia, segurança alimentar, renda - que produzir dados parece não ser uma urgência. Todavia, se pensarmos num aspecto mais programático dos problemas sociais que enfrentamos, podemos refletir em outro sentido.

Todo problema social é composto de muitas dimensões. O Professor José Ricardo Ayres pesquisa vulnerabilidade em saúde e nos inspira ao defender que as vulnerabilidades devem ser pensadas no aspecto individual, social e programático.

Portanto, a primeira camada de vulnerabilidade dos dados que serão gerados tem que ser pensada no aspecto social. Qual a percepção das pessoas afetadas sobre o problema e sintomas identificados?

Atividade:

- Você pode começar perguntando “por que o descarte incorreto do lixo é um problema pra você”? “Como ele tem afetado a sua vida?”
- Observe que a primeira dimensão ela é subjetiva e tem a ver com impactos coletivos do problema. Já a segunda tem o aspecto mais prático e individual sobre como ele tem afetado a vida daquela pessoa.
- Dê dois post its para cada participante e peça para que escrevam no primeiro post it por que o lixo é um problema.
- Recolha todas as respostas e tente agrupá-las em clusters, isto é, em subgrupos parecidos.
- No segundo post it, vamos escrever um impacto do problema com o lixo na nossa vida. Os dois post its serão interligados com a ajuda de um barbante. Por exemplo:



Após construir essas relações, vocês podem discutir em conjunto até onde esses dados podem ajudar vocês no monitoramento para futuras soluções.

Aqui é importante focar na palavra **monitoramento**, pois o dado em si não possibilitará nenhum monitoramento. Contudo, a **informação** extraída do conjunto de dados indica soluções que podem ser absorvidas pela comunidade enquanto coletivo e encaminhadas para o órgão responsável enquanto política pública.

No exemplo i, este problema vai além das perspectivas dos dados estruturados, pois não há nenhuma informação na nossa estruturação que se relacione especificamente à possibilidade de atração de roedores. Ou seja, o nosso projeto de GCD termina antes de chegar no controle de roedores. E este é apenas um limite desse projeto.

Já o problema ii tem uma relação direta com o tempo que o lixo está exposto e a forma que está armazenado. Se o lixo está bem vedado ou não fica exposto por muito tempo no meio ambiente, é difícil que exale odor. Neste caso, nosso projeto de GCD abarca o limite do mau cheiro.

Discuta cada problema, impacto e limitação, mas não mude a estruturação, apenas discuta a limitação.

Confie no processo! Saliente com a turma que o projeto está se estruturando, desde o aspecto técnico até as dimensões de vulnerabilidade relacionada aos limites do projeto. Agora é hora de saber o que o Estado brasileiro conta sobre esse problema no seu território. Para este projeto, a base de dados utilizada é a do Censo IBGE.



Investigar as bases de dados auxiliares

Veja como podemos contar essa história dos dados públicos em dados e ilustrações. Seja estratégico nas escolhas, faça coisas analógicas, pois servirão de referência e inspiração sobre como comunicar os dados na etapa posterior.

Para a atividade utilizamos os dados disponibilizados pelo Censo IBGE de 2022 e disponíveis nas tabelas 7 e 9^o sobre a população quilombola e as características dos domicílios. Os dados apontam que não existe coleta de lixo em nenhum domicílio no Quilombo Oxalá de Jacunday, nem mesmo lixo jogado em caçamba para ser recolhido posteriormente. De acordo com o Censo, todos os domicílios queimam ou enterram seus lixos, ou jogam os resíduos em terreno baldio.

Domicílios quilombolas em Jacunday. Censo 2022, IBGE			
Domicílios com pelo menos um quilombola	157	Tem banheiro exclusivo	117
Pessoas quilombolas	400	Tem banheiro coletivo	22
Água da rede geral, poço, fonte ou cacimba	141	Apenas sanitário ou buraco para dejeções	15
Carro – pipa, água da chuva, rios e igarapés	16	Não tem banheiro nem sanitário	3
Existe acesso à rede de água	103	Esgoto sai pela rede ou fossa	5
Não existe acesso à rede de água	54	Esgoto sai pra fossa rudimentar, buraco ou em rio / igarapé	149
Água chega na casa encanada	99	Lixo coletado ou posto em caçamba	0
Água chega encanada até o terreno	44	Lixo queimado, enterrado ou jogado em outro lugar	157
Não chega nenhuma água encanada	14		

Apresente os dados e dê espaço para a reação coletiva. Geralmente, as pessoas não se identificam com os dados públicos e começam a contar suas experiências. Anote todas as percepções do grupo.

Durante a discussão, contextualize que a realidade do Jacunday não representa todos os quilombos do país. Nas tabelas do IBGE é possível conferir que existem quilombos que contam com o serviço de coleta de lixo. Então, surgem diversos questionamentos:

- É uma característica estrutural?
- Há erro na coleta de dados?
- Como demandar a garantia da coleta onde ela não existe?
- O que significa para o quilombo não ter uma coleta de lixo estruturada?

**QUANDO UM DADO NÃO EXISTE,
É PORQUE ALGUÉM NÃO SE IMPORTA.**

Este é o aspecto programático do projeto. Para que todos os quilombolas de Jacunday possam destinar seus lixos nos locais corretos, separar os recicláveis para potencial geração de renda, para que as pessoas externas ao quilombo saibam onde jogar seus resíduos sólidos e que o lixo seja destinado ao aterro sanitário adequadamente, são necessárias políticas programadas e efetivas. Estas políticas são baseadas em dados. São eles que alimentam os sistemas das prefeituras, que vão para o Ministério das Cidades e estruturam o Programa de Aceleração e Crescimento (PAC), que fundamentam verbas federais ou emendas parlamentares direcionadas à garantia ou melhoria desse serviço. É para assegurar o direito ao saneamento nos territórios que nós buscamos preencher as lacunas deixadas pelos dados institucionais com a Geração Cidadã de Dados. Quem mora no território conhece os problemas, sabe como contá-los e como solucioná-los.



Comunicar os dados

“Nada sobre nós sem nós!” é um lema da causa das pessoas com deficiência, usado para ressaltar que a comunidade PCD precisa participar das decisões.

Este slogan inspira a Geração Cidadã de Dados. Não existe GCD sem nós. Em primeiro lugar, somos nós que coletamos, analisamos e comunicamos os dados; e em segundo, porque precisamos fazer nossos dados e demandas chegarem ao poder público, que sequer nos escutou direito no começo de tudo.

Nesta etapa, a premissa segue a mesma: na comunicação dos resultados da coleta a comunidade deve ser uma prioridade. Por isso, vamos começar pensando as maneiras de contar o projeto para as pessoas do quilombo.

No Cocôzap, além do nome chamativo a gente definiu 3 mensagens:

→ Viu problema de saneamento na Maré?

→ Tira uma foto e manda no zap.

→ Que a gente bota no mapa!

Atividade:

- Divida o grupo e dois subgrupos. Cada um deve pensar um nome para o projeto e três mensagens que comuniquem o nosso projeto GCD.
- Reserve 30 minutos para esta atividade, assim distribuídos: 10 minutos para cada subgrupo, cinco para as apresentações e mais 15 minutos para cheguem a um consenso quanto ao nome e às mensagens.

A última etapa deste bloco é a plantação! Como disse Nêgo Bispo, a gente planta o que a gente precisa, e a terra dá o que quer.

Então, que mensagens queremos plantar pro mundo?

É importante medir até onde a gente pode ir, porém esse é o momento de apenas colocar as nossas visões em níveis individuais, sociais e programáticos:

Essa é uma etapa que sozinha viraria um encontro com debates profundos, mas deixamos por último para aproveitar o tempo restante da oficina. Você pode realizar outros encontros para trabalhar nos questionamentos que surgirem ou para destrinchar a estratégia de comunicação. Hoje, no entanto, a prioridade é se certificar de que você tem as informações necessárias para criar os primeiros materiais de engajamento e construção de comunidade.

Queremos um serviço de coleta de lixo?

Uma cooperativa de coleta seletiva e lixo reciclável?

Um aterro sanitário gerido por nós e sem impactos ambientais?

Multas e penalidades para quem jogar lixo em nosso território?

Como cada pessoa do Quilombo de Jacunday vai saber do que estamos fazendo e nossos progressos?

Como conseguimos reunir toda a comunidade para discutir, participar e se inteirar de tudo?

Como vamos fazer as nossas mensagens chegarem às autoridades responsáveis?



O Plano GCD da Comunidade Quilombola Oxalá de Jacunday

O Plano GCD da Comunidade Quilombola Oxalá de Jacunday

Neste tópico apresentamos na prática como chegamos ao problema coletivo que seria o foco da coleta. Na construção do plano, guiada pelo passo a passo, a comunidade pactuou que focaria na coleta de lixo.

Passo 1:

Qual problema, assunto, experiência ou realidade precisa ser evidenciada através de dados?

O descarte indevido do lixo. Existem algumas ocorrências de lixo descartado dentro do Quilombo em lugares inadequados e aparentemente por pessoas de fora do Quilombo.

Passo 2:

Quais são as causas que poderiam explicar o problema selecionado por você e seu grupo?

O local inadequado do descarte, a origem desconhecida do lixo, a permanência do lixo por tempo prolongado onde foi descartado. Serão coletados os seguintes dados: 1) o tipo de lixo; 2) o local do descarte (onde); 3) quando jogou; 4) quando viu o lixo.

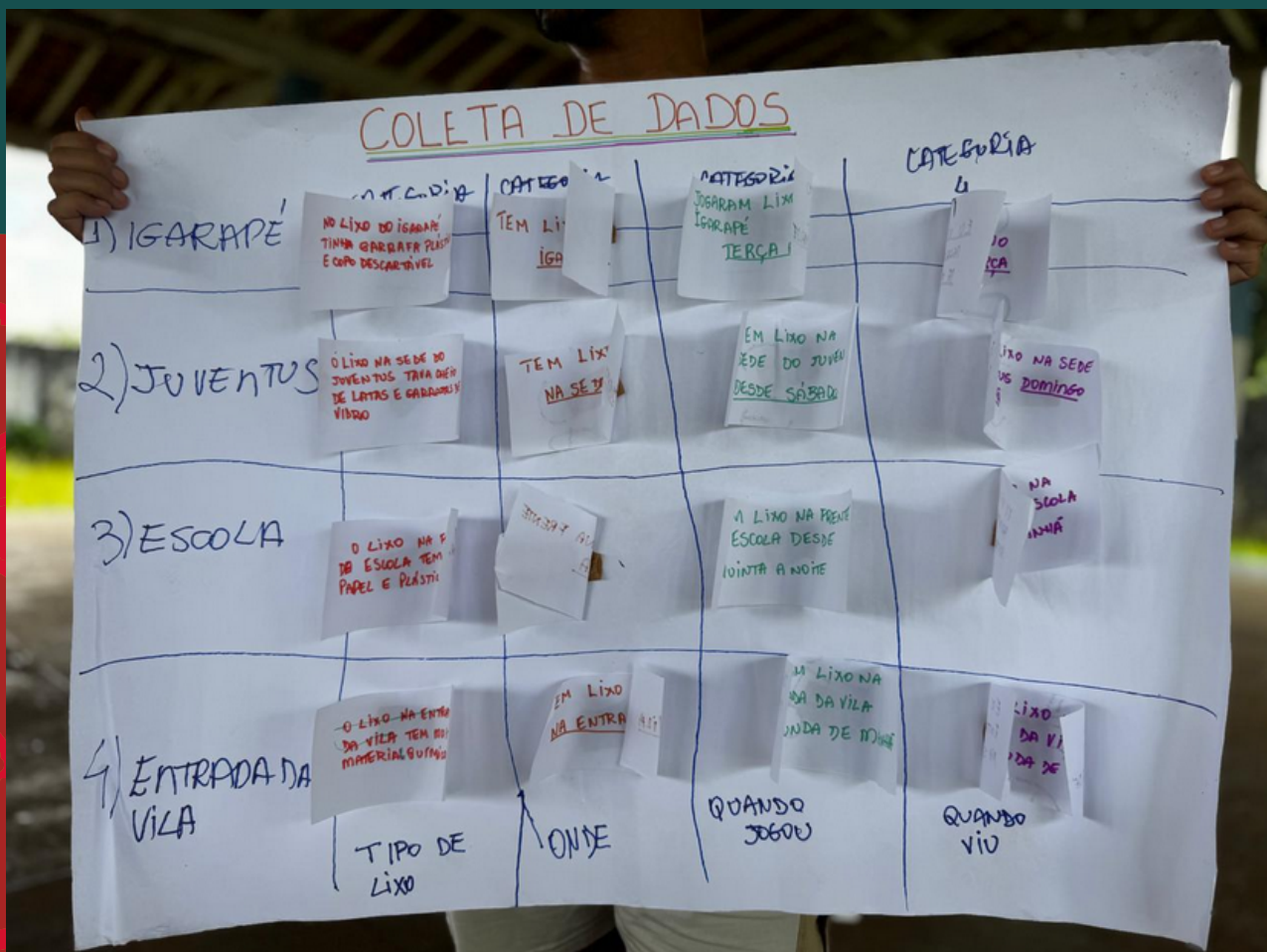


Imagem: Simulação de tabela de coleta de dados feita na oficina de elaboração do Plano.

Crédito: Instituto Perpetuar

Que outros sintomas do problema você não irá abordar e o quanto isso afeta o seu trabalho?

Não iremos coletar ou monitorar por quanto tempo o lixo ficou ou ficará no local. Esse dado pode reduzir nossas análises sobre possíveis consequências do lixo. Por conseguinte não iremos coletar possíveis consequências, como desfechos em saúde, mau cheiro, entre outros.

Existem outras bases de dados que já abordam o mesmo problema que você escolheu? Essas bases estão publicadas e disponíveis para uso?

A única base de dado auxiliar existente é o Censo IBGE de 2022, que possui variáveis relacionadas a saneamento básico. Existe uma cultura local de que cada morador deve solucionar os seus resíduos sólidos. Na maioria das vezes, isso é feito enterrando ou queimando o seu próprio lixo. Não existem alternativas de manejo coletivo.

Quem irá te ajudar e participar do processo da coleta e geração de dados?

Os moradores do quilombo que tem participado das oficinas, um grupo de homens e mulheres com idade aproximada de 50 anos.

Quais processos e sistematizações serão necessárias para gerar dados de forma computacional?

Um número de whatsapp foi comprado e levado para o Quilombo em um dispositivo do data_labe. Este celular ficará sob a responsabilidade de uma única pessoa, que irá receber as denúncias de todos os moradores e, posteriormente, irá transferir as informações para uma planilha armazenada em software livre, o LibreOffice Calc¹⁰.

Os moradores vão enviar denúncias pelos seus dispositivos na hora em que virem qualquer resíduo descartado de forma errada. A denúncia será enviada em formato de áudio com todas as informações relacionadas e pertinentes à pesquisa. Além da informação em áudio, o morador deverá encaminhar uma foto e a descrição do local. Como o acesso a dados móveis é restrito no território, a mensagem será enviada de fato somente quando o/a morador/a voltar para casa ou estiver em um ambiente com Wi-Fi.



Quais estratégias você e seu grupo vão criar para comunicar os resultados do trabalho?

O grupo elaborou em conjunto o nome do projeto com algumas frases de engajamento. O título principal será:



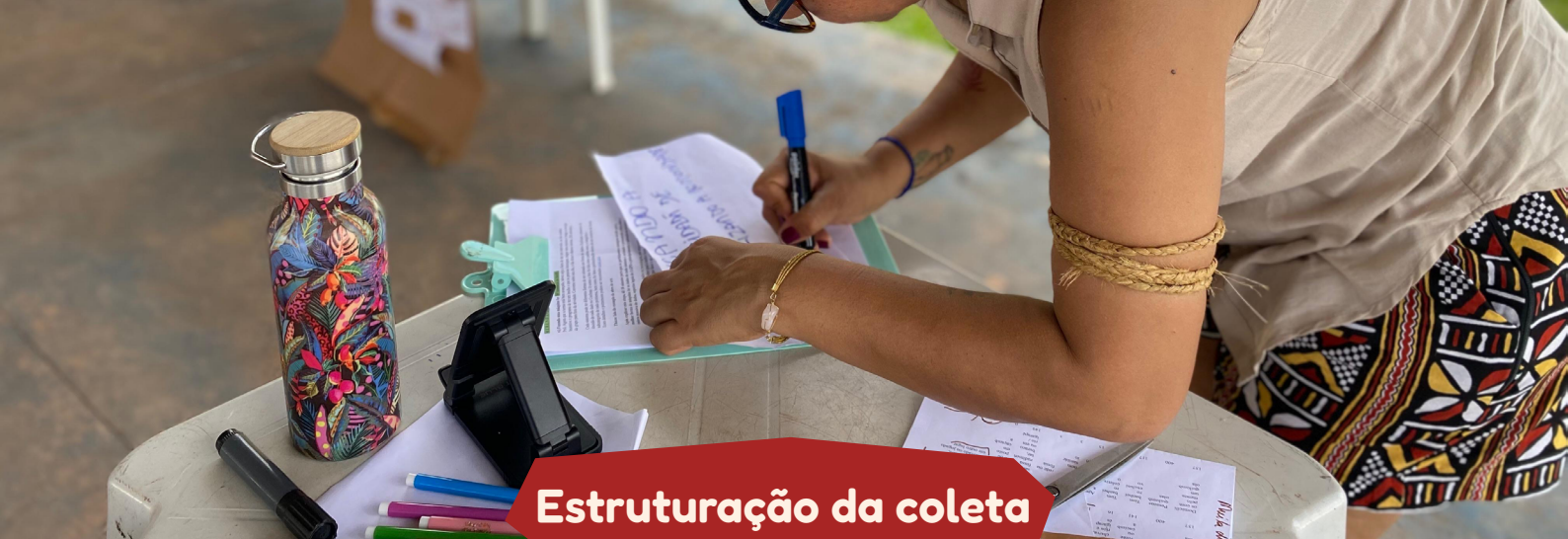
**NÃO É CAGUETAGEM,
É REIVINDICAÇÃO!**

Esta frase procura comunicar logo o efeito do projeto e, em seguida, informar que não estarão criando um sistema de monitoramento sobre a vida alheia, a famosa “caguetagem”, mas sim reivindicando ao poder público um quilombo mais limpo, saudável e sustentável.

Notas finais

- 1** SALGADO, Mayany Soares. SALGADO, Maria Antonia Soares. A produção do espaço no território quilombola do Jambuaçu Moju-PA frente aos processos de reprimarização da economia. In: Paper do NAEA 2024, V volume 1, Nº 1 (Edição 573). Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/viewFile/16998/11368>
- 2** ITERPA: http://portal.iterpa.pa.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/portaria_jacunday.pdf
- 3** O LIBERAL: <https://www.oliberal.com/para/campanha-fornece-apoio-a-quilombolas-de-moju-durante-a-pandemia-1.271144>
- 4** Geração Cidadã de Dados: <https://datalabe.org/geracao-cida-da-de-dados/>
- 5** Cocôzap: <https://datalabe.org/cocozap/>
- 6** Mapeamento de brechós periféricos: <https://datalabe.org/?s=brech%C3%B3s>
- 7** Campanha “Por Que Eu” - Racismo nas Abordagens Policiais: <https://datalabe.org/relatorio-por-que-eu/>
- 8** Explana - Mapeamento de Desinformação e Discurso de Ódio contra pessoas LGBTI+ no Rio de Janeiro: <https://datalabe.org/pesquisa-explana/>
- 9** Censo IBGE de 2022: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/downloads-estatisticas.html>
- 10** LibreOffice Calc é um programa de planilhas de código aberto: <https://pt-br.libreoffice.org/descubra/calc/>



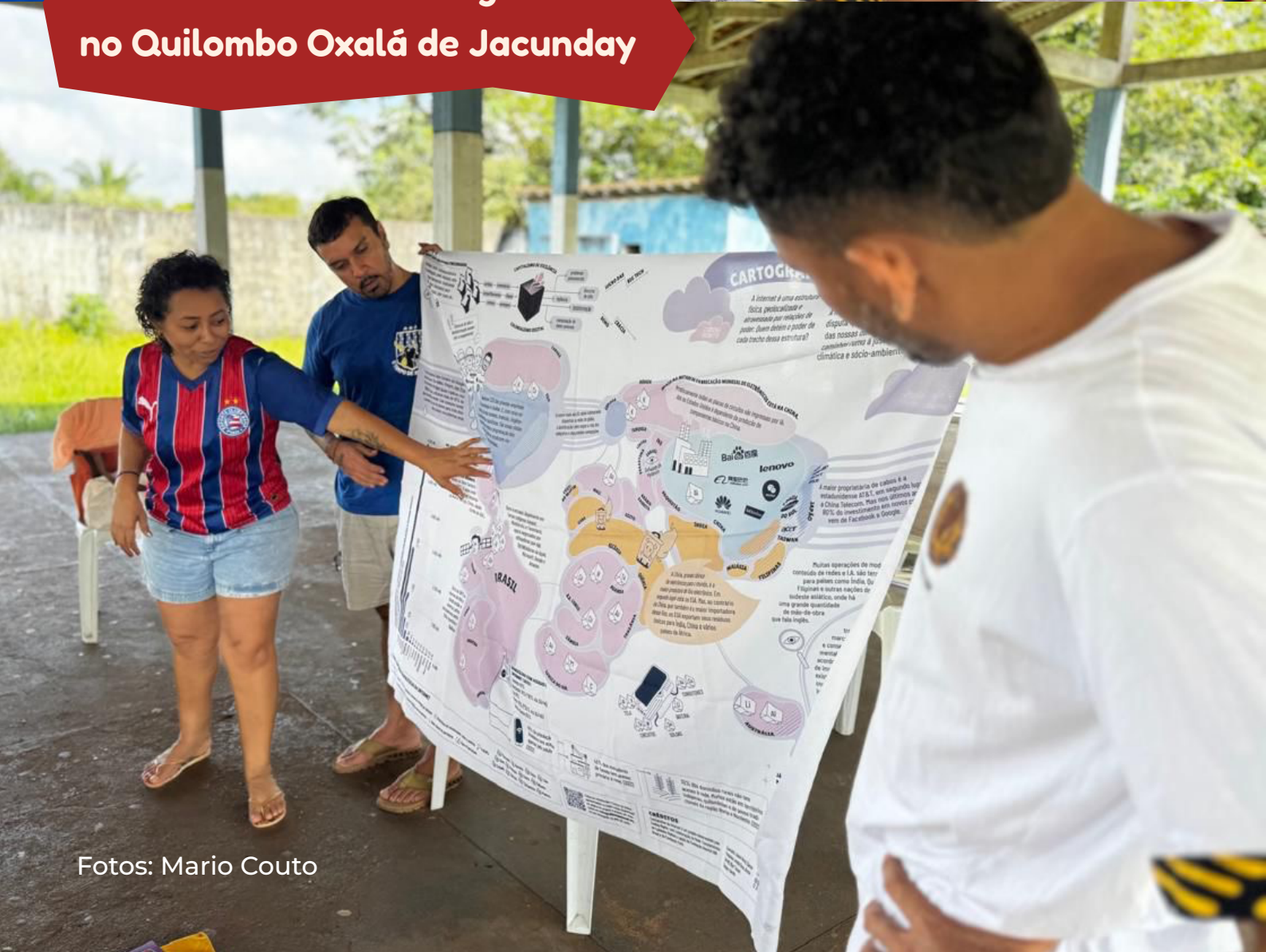


Fotos: Keyse Valadares

COLETA DE DADOS			
LOCAL	CATEGORIA	CATEGORIA	CATEGORIA
1) IGARAPÉ	NO LIXO DO IGARAPÉ TINHA GARRAFA PLÁSTICA E COPO DESCARTÁVEL	TEM LIXO IGA	JOGARAM LIXO IGARAPÉ TERÇA
2) JUVENTUS	O LIXO NA SEDE DO JUVENTUS TAVA CHEIO DE LATAS E GARRAFINHAS VÍDIO	TEM LIXO NA SEDE	EM LIXO NA SEDE DO JUVENTUS DESDE SÁBADO
3) ESCOLA	O LIXO NA P DA ESCOLA TEM PAPEL E PLÁSTICO	TEM LIXO NA SEDE	EM LIXO NA PREENTE ESCOLA DESDE VINTE E NOITE
4) ENTRADA DA VILA	O LIXO NA ENTRADA DA VILA TEM MUITO MATERIAL BOMBA	EM LIXO NA ENTRADA	EM LIXO NA DA DA VILA ONDA DE MONTAR
	TIPO DE LIXO	ONDE	QUANDO JOGOU
			QUANDO VIU



Oficina Cuidados digitais no Quilombo Oxalá de Jacunday



Primeira oficina “O plano de Geração Cidadã de Dados”



Fotos: Mario Couto



Foto: Layanna Oliveira



Oficina Visualização de Dados Cidadãos



Fotos: Keyse Valadares



Fotos: Ruthelly Valadares

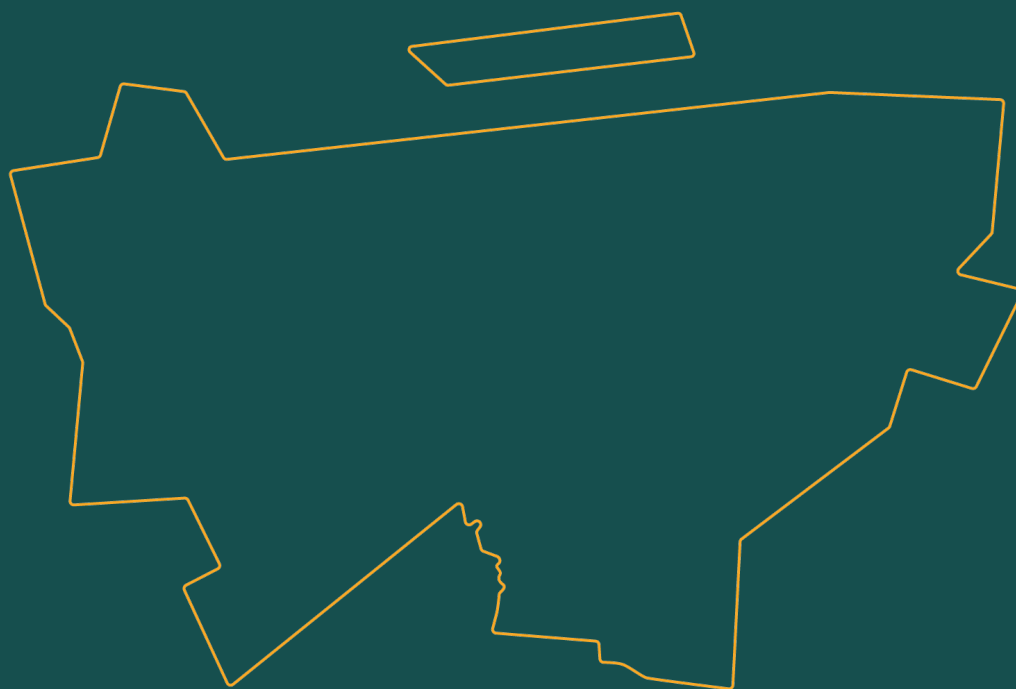


**Oficina de Preenchimento da planilha
das queixas enviadas, no Quilombo de Jacunday**

**Evento Quilombo Sem Lixo:
Não é Caguetagem é Reivindicação! (COP30)**



Foto: Cíntia Matos



Redação

Thiane Neves-Barros, Keyse Valadares, Samilly Valadares, Ruthelly Valadares e Elena Wesley

Identidade Visual

Nícolas Noel

Diagramação

Stephanie Tetiiz

Fotos

Mario Costa, Ruthelly Valadares, Keyse Valadares e Layanna Oliveira

